MUNDIDADE, AFFORDANCES E TÉCNICA: HEIDEGGER E GIBSON ENTRE ONTOLOGIA E PERCEPÇÃO*

WORLDLINESS, AFFORDANCES, AND TECHNIQUE: HEIDEGGER AND GIBSON BETWEEN ONTOLOGY AND PERCEPTION

Bruno dos Santos Queiroz**

RESUMO
Este artigo investiga a relação entre a ontologia da mundidade em Martin Heidegger, especialmente em *Ser e tempo*, e o conceito de *affordances* desenvolvido por James J. Gibson na Psicologia Ecológica, estendendo a análise à questão da técnica moderna em Heidegger. Argumenta-se que o ser-no-mundo se estrutura como um campo de significatividade no qual os entes se manifestam primariamente como possibilidades práticas de ação, inseridas em uma totalidade de remissões (*Verweisungsganzheit*), o que permite uma aproximação com a noção gibsoniana de percepção direta de *affordances*. Contudo, essa aproximação é delimitada pela diferença entre uma descrição ontológica e uma teoria psicológica, evitando a redução da analítica existencial a um modelo empírico. Além disso, mostra-se que a crítica heideggeriana da técnica moderna como *Gestell* implica uma restrição do campo de desvelamento, no qual os entes tendem a aparecer exclusivamente como *Bestand*, tensionando o caráter originário das *affordances*. Nesse contexto, a *Zuhandenheit* é compreendida como modo pré-tecnológico de abertura do mundo. Conclui-se que Gibson pode ser lido como uma descrição ecológica de estruturas de engajamento perceptivo enquanto expressão ôntica da estrutura ôntica da mundidade heideggeriana.
PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; Gibson; técnica; ser-no-mundo; affordances.

ABSTRACT
This paper examines the relationship between Martin Heidegger's ontology of worldhood in *Being and Time* and James J. Gibson's concept of affordances in ecological psychology, and extends the analysis to Heidegger's critique of modern technology. It argues that being-in-the-world constitutes a field of meaningfulness in which entities disclose themselves primarily as practical possibilities for action, embedded in a holistic network of referential relations (*Verweisungsganzheit*), which allows a comparison with Gibson's notion of direct perception of affordances. However, the paper approaches this comparison with caution in order to avoid reducing Heidegger's ontological analysis to a psychological theory of perception. In this sense, *Zuhandenheit* functions as an originary mode of access to the world, converging with the idea of direct perception of possibilities for action. Furthermore, Heidegger's account of modern technology as *Gestell* restricts the field of disclosure, in which entities tend to appear exclusively as *Bestand*, thereby challenging the primordial openness of affordances. The paper concludes that one can understand Gibson's theory as an ecological account of perceptual engagement that stands as an ontic expression of Heidegger's ontological notion of worldhood.
KEYWORDS: Heidegger; Gibson; technology; being-in-the-world; affordances.

* Artigo recebido em 22/06/2026 e aprovada para publicação em 10/07/2026.
** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia com período sanduíche na Universidade de Oxford, financiado por bolsa de Doutorado Sanduíche da CAPES. Mestre em filosofia pela UFU. Email: bruno.queiroz@ufu.br.

INTRODUÇÃO

A analítica existencial desenvolvida por Martin Heidegger (2012) em *Ser e tempo* introduz uma transformação decisiva na filosofia contemporânea ao substituir o paradigma sujeito–objeto por uma ontologia do *ser-no-mundo*. Nesse quadro, o mundo não se apresenta como um conjunto de objetos neutros dotados de propriedades, mas como uma totalidade estruturada de significatividade, na qual os entes aparecem primariamente em termos de sua inserção em práticas e contextos de uso.

Em diálogo com essa perspectiva, a noção de *affordances*, proposta por James J. Gibson (2015) no âmbito da Psicologia Ecológica, descreve o ambiente como um campo de possibilidades de ação diretamente percebidas por um organismo. A convergência entre essas abordagens permite aproximar a mundidade heideggeriana ao "campo de *affordances*", revelando pontos em comum sobre a natureza da percepção, da ação e da significatividade.

O presente artigo tem como objetivo principal examinar essa aproximação, investigando em que medida o conceito de *affordances* pode ser legitimamente mobilizado para esclarecer aspectos da ontologia heideggeriana da instrumentalidade (*Zuhandenheit*) e as reflexões de ambos os autores sobre a técnica. Para tanto, pretende-se (i) explicitar a estrutura da mundidade enquanto rede de remissões e significados na analítica do *Dasein*; (ii) analisar o estatuto ontológico dos utensílios e o primado do envolvimento prático sobre a tematização teórica; (iii) discutir a teoria gibsoniana das *affordances;* (iv) discutir como ambos os autores trabalham a questão da técnica.

A tese deste artigo é que o campo de *affordances* de Gibson é uma expressão ôntico-existenciária da estrutura ontológica da mundidade e que a aproximação entre ambos os autores contribui para pensar a questão da técnica. Sustenta-se, assim, que as *affordances* descrevem, no nível da experiência situada, a maneira pela qual a abertura de mundo própria do ser-no-mundo se concretiza em possibilidades de ação percebidas e efetivamente mobilizáveis.

A justificativa deste estudo reside tanto em seu interesse sistemático quanto interdisciplinar. Do ponto de vista filosófico, trata-se de propor uma aproximação entre dois conceitos filosóficos (mundidade heideggeriana e campo de *affordance* gibsoniano), mas com o cuidado de evitar reduções que assimilem indevidamente a ontologia fundamental de Heidegger a uma teoria empírica da percepção. Do ponto de vista teórico-aplicado, a articulação entre fenomenologia e psicologia ecológica pode se mostrar fecunda em áreas

como ciência cognitiva incorporada, *design* e ergonomia, tornando necessária uma fundamentação conceitual mais rigorosa dessa interface.

Para cumprir esses objetivos, o artigo está estruturado em quatro momentos. Inicialmente, será apresentada a noção heideggeriana de mundidade como totalidade de significatividade e rede de remissões. Em seguida, será examinada a teoria de Gibson sobre as *affordances* a partir de sua teoria da percepção. O terceiro momento abordará a aproximação entre mundidade e campo de *affordances*, avaliando suas convergências e limites conceituais. Por fim, ambos os autores serão utilizados para pensar a questão da técnica.

1 A MUNDIDADE EM HEIDEGGER

Para Martin Heidegger (2012), em *Ser e tempo,* o conceito de "mundo" não designa um recipiente físico ou espacial no qual estariam contidos objetos neutros, independentes e simplesmente dados. O mundo não é a soma de entes materiais nem um agregado de fatos brutos, mas deve ser compreendido ontologicamente como mundidade (*Weltlichkeit*), isto é, como uma totalidade estruturada de significatividade (*Bedeutsamkeit*), constituída por uma rede de remissões de sentido (*Verweisungszusammenhang*). Nesse sentido, "a mundidade é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo" (Heidegger, 2012, p. 199, *ST* §14). Heidegger acrescenta ainda: "O todo-relacional desse significar nós o denominamos significatividade. Ela é o que constitui a estrutura do mundo" (Heidegger, 2012, p. 261, *ST* §18).

Nessa estrutura, os entes que vêm ao encontro do *Dasein* (o ente que nós mesmos somos) não se apresentam primariamente como objetos teóricos de contemplação, nem possuem significado isoladamente. Eles se mostram originariamente no modo de ser da manualidade ou do ser-à-mão (*Zuhandenheit*), isto é, como utensílios (*Zeug*). "O modo-de-ser de instrumento deve ser posto em relevo. Isso ocorre pelo fio-condutor da prévia delimitação do que faz do instrumento um instrumento, da instrumentalidade" (Heidegger, 2012, p. 211, *ST* §15). O ser do utensílio é determinado por sua serventia, pelo seu "para-quê" (*Um-zu*).

Uma analogia elucidativa pode ser encontrada na linguagem: assim como uma palavra isolada não possui sentido determinado fora de um contexto significativo, um ente só adquire seu ser no interior de uma trama de referências práticas. Uma caneta, por exemplo, remete ao papel, que remete à escrita, que remete à mesa, que remete à atividade de escrever, constituindo uma totalidade de remissões (*Bewandtnisganzheit*) orientada por finalidades.

Nesse sentido, "o ser do utilizável tem a estrutura da remissão, e isto significa que ele tem em si mesmo o caráter do ser-remetido-a. O ente é descoberto em relação ao fato de que ele, como esse ente que ele é, remete a algo" (Heidegger, 2012, p. 251, *ST* §18). Heidegger (2012, p. 251, ST §18) denomina esse caráter de conjuntação (*Bewandtnis*): "O caráter-de-ser do utilizável é a conjuntação".

Essa rede de remissões, contudo, não se prolonga indefinidamente. Ela culmina em um termo estrutural último que Heidegger denomina "em-vista-de-quê" (*Worumwillen*). Esse termo não designa um ente intramundano, mas o próprio *Dasein*. "O 'em-vista-de-quê' concerne sempre ao ser do Dasein, para o qual, em seu ser, está essencialmente em jogo esse ser ele mesmo" (Heidegger, 2012, p. 253, *ST* §18). Isso significa que a totalidade de significatividade do mundo encontra sua articulação última nos projetos existenciais do próprio ente que compreende o ser.

Importa sublinhar que essa estrutura não é acrescentada posteriormente a um mundo previamente dado, mas constitui a condição de possibilidade da inteligibilidade dos entes. O que Heidegger denomina "mundo" é precisamente esse horizonte prévio no qual algo pode aparecer "como algo". A estrutura do "algo enquanto algo" (*etwas als etwas*) opera em um nível pré-predicativo e não deriva de um ato teórico, mas pertence ao modo originário de envolvimento prático do *Dasein*. "O simples ver antepredicativo do utilizável já é em si mesmo entendedor-interpretante, contendo em si o ser-expresso das relações remissivas (do para-algo)" (Heidegger, 2012, p. 423-425, *ST* §32).

Nesse envolvimento cotidiano, o utensílio tende a desaparecer na transparência de seu uso: a atenção se dirige à obra, não ao instrumento. "O imediatamente peculiar ao utilizável é o como que retraimento em sua utilizabilidade, a fim de ser precisa e propriamente utilizável" (Heidegger, 2012, p. 215, *ST* §15). O mundo, em sua mundidade, torna-se temático sobretudo quando ocorre uma ruptura na rede de remissões, por exemplo, quando o utensílio falha, falta ou se torna inutilizável.

Nesses casos, aquilo que era à mão perde sua disponibilidade e passa a aparecer no modo da subsistência (*Vorhandenheit*), tornando explícita a estrutura de sentido antes implícita. "Se um instrumento não pode ser empregado, perturba-se a remissão constitutiva de um para-algo a um para-isto" (Heidegger, 2012, p. 227, *ST* §16). Quando o utilizável "se mostra em seu ser-só-subsistente […] o mundo-ambiente se torna mundo-da-natureza" (Heidegger, 2012, p. 327, *ST* §24).

Nessa perspectiva, o *Dasein* não é um sujeito isolado que representa um mundo externo, mas um ser que já sempre se encontra em uma totalidade significativa. O ser-no-mundo constitui uma unidade estrutural originária. A compreensão é, primariamente, prática e situada, articulando-se a partir da disposição afetiva (*Befindlichkeit*) e dos projetos (*Entwurf*) que estruturam a existência. "O entender é o poder-ser que abre, e o sentido é o 'aquilo-em-relação-a-quê' do projeto" (Heidegger, 2012, p. 429, *ST* §32). A saliência dos entes, isto é, aquilo que se destaca como relevante no campo da experiência, varia conforme esse horizonte existencial. Um mesmo ente pode aparecer de modos distintos segundo o contexto de uso, a tonalidade afetiva e os projetos práticos em jogo.

2 O CAMPO DE *AFFORDANCES* EM GIBSON

A teoria das *affordances*, formulada por James J. Gibson (2015) em *The ecological approach to visual perception*, constitui uma das propostas mais inovadoras e filosoficamente relevantes no campo da percepção. Gibson rompe com tradições representacionalistas ao sustentar que a percepção não consiste na construção interna de imagens ou significados, mas na captação direta das possibilidades de ação que o ambiente oferece a um organismo. Para capturar isso, o autor usa o termo *affordance*, que vem do verbo em inglês *to afford*, que significa "oferecer", "proporcionar" ou "doar".

Assim, *affordance* pode ser definida como aquilo que o ambiente oferece como possibilidade de ação para um organismo. Dessa forma, o conceito de *affordance* parte da ideia de que o significado não está na mente nem nas propriedades físicas isoladas dos objetos, mas na relação dinâmica entre o agente e o mundo: "As *affordances* do ambiente são o que ele oferece ao animal, o que ele provê ou fornece, seja para o bem ou para o mal" (Gibson, 2015, p. 119, tradução nossa).

Ao contrário de propriedades puramente físicas, como massa, extensão ou forma, ou de qualidades subjetivas, como valores ou interpretações, as *affordances* são propriedades essencialmente relacionais. Elas dependem simultaneamente das características do ambiente e das capacidades do organismo: "uma *affordance* não é uma propriedade objetiva nem uma propriedade subjetiva; ou é ambas, se preferir. [...] É igualmente um fato do ambiente e um fato do comportamento" (Gibson, 2015, p. 121, tradução nossa).

Para ilustrar isso, podemos recorrer ao exemplo da superfície. Uma superfície horizontal, plana, extensa e rígida oferece suporte para um ser humano caminhar ou

permanecer em pé. Contudo, essa mesma superfície pode não oferecer a mesma possibilidade para outro organismo com corpo e capacidades diferentes. Assim, a *affordance* não é redutível nem ao objeto nem ao sujeito isoladamente, mas emerge da interação entre ambos.

Essa concepção implica uma mudança radical na forma de compreender a percepção. Tradicionalmente, teorias empiristas e cognitivistas sustentam que o sistema perceptivo recebe estímulos fragmentados e, a partir deles, constrói representações internas por meio de inferências ou processamento cognitivo. Gibson rejeita esse modelo ao defender a tese da percepção direta. Segundo ele, o ambiente já contém, em sua estrutura, informação suficiente para especificar suas *affordances:* "A hipótese de que invariantes ópticos de alta ordem especificam *affordances* de alta ordem é o que sustentamos" (Gibson, 2015, p. 132, tradução nossa). Desse modo, o organismo "capta" diretamente o que o ambiente lhe permite fazer.

Um aspecto central dessa teoria é a ideia de que a percepção envolve simultaneamente o ambiente e o próprio organismo. Gibson fala em uma espécie de copresença ou copercepção: "O observador percebe o ambiente e copercebe a si mesmo" (Gibson, 2015, p. 116, tradução nossa). Ao perceber o mundo, o indivíduo também percebe a si mesmo como um corpo situado, com determinadas capacidades de ação. Por exemplo, ao perceber que uma superfície está na altura adequada para sentar, o organismo não apenas capta propriedades externas, mas também relaciona essas propriedades à sua própria estrutura corporal, como a altura dos joelhos ou a capacidade de flexão.

Assim, a percepção de *affordances* integra informações exteroceptivas (do ambiente) e proprioceptivas (do corpo), unificando o "lá fora" e o "aqui". Por exemplo, um objeto de tamanho compatível com a mão humana oferece a possibilidade de ser agarrado; uma superfície elevada pode oferecer a possibilidade de escalar; um precipício oferece a possibilidade de cair e se machucar: "A beira de um penhasco é um lugar de cair. É perigoso e parece perigoso" (Gibson, 2015, p. 124, tradução nossa).

Ao afirmar que as *affordances* não são nem puramente objetivas nem puramente subjetivas, Gibson propõe uma superação dessa dicotomia. As *affordances* são simultaneamente fatos do ambiente e fatos do comportamento: "Uma *affordance* aponta nas duas direções, para o ambiente e para o observador" (Gibson, 2015, p. 132, tradução nossa). Essa maneira de pensar a percepção supera, pois, a tendência de ver os objetos como uma classe fixa separada do sujeito: "A teoria das *affordances* nos resgata da confusão filosófica de assumir classes fixas de objetos, cada um definido por suas características comuns e então nomeado" (Gibson, 2015, p. 126, tradução nossa).

3 MUNDIDADE E *AFFORDANCES* COMO ESTRUTURAS DE SIGNIFICAÇÃO

As teses centrais da teoria das *affordances* de James J. Gibson encontram paralelos significativos com a ontologia fenomenológica de Martin Heidegger, especialmente no que diz respeito à análise da estrutura de significatividade do mundo vivido. Essa aproximação pode ser desenvolvida a partir de dois eixos conceituais fundamentais: a superação do dualismo entre sujeito e objeto e o antirrepresentacionalismo. No entanto, como considerarei a seguir, os níveis da mundidade e das *affordances* serão diferenciados a partir da distinção entre ontológico-existenciário (*Existenzial*) e ôntico-existencial (*Existenziell*).

Primeiramente, tanto a teoria das *affordances* quanto a mundidade heideggeriana dissolvem o dualismo sujeito–objeto ao situar o significado na relação inseparável entre organismo e ambiente. Gibson (2015, p. 4, tradução nossa) afirma que "os termos 'animal' e 'ambiente' formam um par inseparável. Cada termo implica o outro". Heidegger realiza um movimento análogo ao rejeitar a tradição cartesiana que opõe um sujeito mental encapsulado a um mundo externo de objetos.

Em sua análise, a estrutura fundamental da existência humana é o ser-no-mundo, na qual não há separação originária entre interioridade psíquica e exterioridade física: "A elucidação do ser-no-mundo mostrou que não 'é' dado de pronto nem nunca se dá um mero sujeito sem mundo. Do mesmo modo que também não há afinal de pronto um eu isolado que se dê sem os outros" (Heidegger, 2012, p. 335, *ST* §25).

De modo semelhante, Gibson rejeita modelos representacionalistas ao sustentar que a percepção é direta, isto é, não mediada por inferências ou construções mentais. Ele escreve: "A percepção direta é o que se obtém ao ver as Cataratas do Niágara, digamos, em contraste com ver uma imagem delas" (Gibson, 2015, p. 139, tradução nossa). Para ele, "o valor [de uma coisa] é claro em sua face, como dizemos, e assim tem uma qualidade fisionômica" (Gibson, 2015, p. 129, tradução nossa).

Heidegger compartilha uma crítica convergente. Para ele, o acesso ao mundo não se dá primariamente por representações proposicionais, mas por uma compreensão prática e pré-reflexiva. No nível mais originário da existência cotidiana, as coisas aparecem no modo do "algo como algo", isto é, já inseridas em uma rede de usos e significados antes de qualquer tematização teórica: "O imediato do trato não é, porém, um mero conhecer perceptivo, mas um trato que manuseia e emprega, a ocupação, que tem o seu próprio 'conhecimento'" (Heidegger, 2012, p. 209, *ST* §15).

Essa convergência se torna ainda mais evidente na análise da orientação para a ação. Gibson propõe uma mudança de foco de “o que é isto?” para “o que isto me permite fazer?”, o que encontra correspondência direta na análise heideggeriana do ente à mão (utensílio). Gibson (2015, p. 126, tradução nossa) argumenta: “Não precisamos classificar e rotular coisas para perceber o que elas oferecem”. Para ele, a utilidade de um objeto é diretamente percebida: “Identificar a substância em tais casos é perceber o que pode ser feito com ela, para que ela serve, sua utilidade” (Gibson, 2015, p. 123, tradução nossa).

Em Heidegger, os entes não aparecem primariamente como objetos dotados de propriedades físico-teóricas, mas como instrumentos definidos por sua serventia, isto é, pelo seu “para-quê”. O mundo cotidiano é estruturado por relações de uso, nas quais os entes se mostram sempre inseridos em práticas e finalidades: “Um instrumento 'é' rigorosamente nunca isolado. Ao ser de instrumento pertence cada vez um todo-instrumental, no qual ele pode ser esse instrumento que ele é” (Heidegger, 2012, p. 209, *ST* §15). Nesse sentido, aquilo que Gibson descreve como *affordances* pode ser compreendido, em termos heideggerianos, como a rede de remissões práticas que constitui a significatividade do mundo circundante.

Ainda assim, há uma diferença importante no tratamento do papel das necessidades e estados afetivos. Gibson (2015, p. 130) sustenta que “a *affordance* de algo não muda conforme a necessidade do observador muda”, pois “o que a coisa oferece é o que ela é”. Heidegger, por sua vez, introduz a dimensão da disposição afetiva (*Befindlichkeit*), segundo a qual os estados de ânimo não são conteúdos internos subjetivos, mas modos fundamentais de abertura do mundo. Nesse caso, a saliência fenomenal dos entes varia conforme o modo afetivo em que o ser-no-mundo se encontra: “O estado-de-ânimo ataca de repente. Não vem nem de 'fora', nem de 'dentro', mas, como modo de ser-no-mundo, vem à tona a partir do ser-no-mundo” (Heidegger, 2012, p. 391, *ST* §29).

Dessa forma, tanto a teoria das *affordances* quanto a ontologia heideggeriana convergem na rejeição de uma concepção representacional e dualista da relação entre sujeito e mundo, enfatizando, em vez disso, uma estrutura originariamente relacional e prática da experiência. Gibson (2015, p. 133, tradução nossa) resume essa posição ao afirmar que “a percepção do mundo e de suas relações complementares com o mundo não são separáveis”. O mundo aparece, em ambos os casos, como um campo de significatividade já articulado em termos de possibilidades de ação, no qual percepção e existência estão intrinsecamente ligadas.

No entanto, é importante pontuar que a ontologia heideggeriana, apesar das aproximações, não deve ser reduzida a uma teoria psicológica da percepção. Em *Ser e tempo,* Heidegger (2012) não tem a intenção de formular uma psicologia, sociologia, antropologia ou biologia do ser humano. Essas disciplinas operam no nível ôntico, ou seja, elas investigam os fatos concretos, empíricos e as propriedades específicas das diferentes regiões de entes do mundo. A investigação heideggeriana, por sua vez, é ontológica: ela busca explicitar as estruturas fundamentais e as condições prévias de inteligibilidade que tornam a própria experiência (e qualquer ciência empírica) possível: "a analítica existenciária do Dasein precede toda psicologia, toda antropologia e sobretudo toda biologia" (Heidegger, 2012, p. 147, *ST* §10).

Nesse contexto, proponho que o campo de *affordances*, tal como formulado por James J. Gibson, possa ser interpretado como uma manifestação concreta de algo mais fundamental**,** a saber, a estrutura de abertura do mundo enquanto espaço de significatividade prática. As *affordances* descrevem como o ambiente aparece concretamente como portador de possibilidades de ação para um organismo situado; já a mundidade heideggeriana designa a condição mais originária pela qual algo como um "mundo" pode aparecer como significativo em geral.

Portanto, a aproximação aqui proposta entre a analítica existencial heideggeriana e a psicologia ecológica de Gibson deve ser compreendida a partir de uma distinção metodológica estrita entre os níveis ontológico e ôntico. Heidegger estabelece que os existenciários (*Existenzialität*) dizem respeito às estruturas ontológicas fundamentais que constituem o ser do *Dasein* como tal, enquanto os modos existenciais (*existenziell*) se referem às concretizações ônticas dessas estruturas na existência fática do *Dasein*. "todos os explícitos que derivam da analítica do Dasein são obtidos na perspectiva de sua estrutura de existência. Por se determinarem a partir da existenciariedade, denominamos os caracteres-de-ser do Dasein de existenciários" (Heidegger, 2012, p. 145, *ST* §9).

Desse modo, a tese sustentada neste artigo não é de uma fusão conceitual entre mundidade (*Weltlichkeit*) e *affordances,* mas uma relação de diferenciação complementar, na qual o campo de *affordances* é a expressão ôntico-existencial do existenciário-ontológico "mundidade". Com efeito, Heidegger afirma que "mundidade é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo [...] Mundidade é, portanto, ela mesma um existenciário" (Heidegger, 2012, p. 197, *ST* §14). Logo, a mundidade, como estrutura ontológica universal de abertura do mundo, precede e fundamenta

a apreensão ôntica particular de entes intramundanos nas apreensões práticas e significativas que Gibson descreve como *affordances.*

Essa distinção permite responder a objeções contra a aproximação entre as duas noções. Em relação à ontologia do utensílio, Gunnar Declerck (2021, p. 33, tradução nossa) objeta que há uma incompatibilidade irreconciliável entre os conceitos, afirmando que "utensílio e affordances se referem a tipos ontológicos diferentes e a processos cognitivos e perceptuais que são implicados em cada caso não têm nada em comum". A base de sua crítica sustenta-se na ideia de que "a diferença fundamental é que o 'para quê' do utensílio [...] possui um caráter normativo e padronizado" (Declerck, 2021, p. 35, tradução nossa), enquanto a dinâmica ecológica seria puramente individual e egocêntrica, visto que "a situação é oposta com as *affordances*, que se referem constitutivamente a um agente particular que é capaz de tirar vantagem da estrutura que oferece a *affordance*" (Declerck, 2021, p. 36, tradução nossa).

Contra essa separação excludente, a posição aqui defendida sustenta que a diferença de escopo ontológico não inviabiliza a articulação entre os autores, desde que não se confundam seus respectivos níveis de análise. A objeção de Declerck falha ao não perceber que a normatividade social do utensílio, isto é, a mundidade heideggeriana, não compete com a dimensão situacional das *affordances,* mas a fundamenta como condição de inteligibilidade. A mundidade não é substituída pela descrição ecológica da percepção; ela constitui o horizonte ontológico prévio no qual algo pode aparecer como significativo. As *affordances,* por sua vez, permanecem estritamente no nível ôntico, enquanto possibilidades de ação diretamente acessíveis em situações concretas, funcionando como a dimensão operativa pela qual a significatividade do mundo se efetiva na prática situada.

Por outro lado, Bernhard Sylla argumenta que aproximações entre Heidegger e Gibson incorrem em uma confusão entre registros ontológicos distintos. Sylla (2022, p. 213) aponta que a tentativa de elevar as *affordances* a um estatuto ontológico "sofre, no entanto, de um erro categórico, ao confundir o ôntico e o ontológico". Além disso, sustenta que a psicologia ecológica não é capaz de dar conta da historicidade do desvelamento heideggeriano, afirmando que "a mera descrição do carácter das *affordances,* mesmo que seja uma descrição de carácter ontológico, é demasiadamente neutra para servir como orientação ética, se não for complementada por uma reflexão sobre o curso da sua evolução" (Sylla, 2022, p. 214).

A objeção de Sylla é filosoficamente precisa ao delimitar o risco de confusão categorial entre o nível ôntico e ontológico. Contudo, a presente proposta incorpora esse

diagnóstico como condição de sua própria validade: ao restringir explicitamente o campo de *affordances* ao nível ôntico, isto é, à descrição empírica das relações organismo–ambiente, evita-se a redução da questão do ser à dinâmica funcional da vida orgânica. A historicidade do desvelamento e a "história do ser" permanecem preservadas na dimensão ontológica da mundidade heideggeriana, impedindo qualquer extrapolação indevida da psicologia ecológica para o plano da ontologia fundamental.

Dessa forma, ambas as perspectivas convergem na rejeição de uma concepção representacional da experiência, mas permanecem rigorosamente diferenciadas em seus níveis de análise. A mundidade estrutura o horizonte histórico de sentido no qual os entes podem aparecer como significativos; as *affordances* descrevem o modo ôntico pelo qual esse aparecer se estabiliza na experiência perceptivo-prática. A integração entre ambas, portanto, só se sustenta na preservação rigorosa da diferença, ao mesmo tempo intransponível e articulável entre condições ontológicas de inteligibilidade e suas manifestações ônticas concretas.

4 TÉCNICA EM HEIDEGGER E GIBSON

Como considerado, para Heidegger, no interior do mundo, o *Dasein* não se depara inicialmente com objetos neutros ou teoricamente determinados, como entidades físicas descritas pela ciência natural, mas com entes que já se apresentam em uma rede de significatividade prática. Essa forma originária de aparecimento é aquilo que Heidegger denomina de entes à mão (*Zuhandenheit*), isto é, utensílios que não são primariamente objetos de contemplação, mas elementos inseridos em práticas de uso:

> O ente do-interior-do-mundo em geral é projetado em um mundo, isto é, em um todo de significatividade em cujas relações-de-remissão a ocupação, como ser-no-mundo, fixou-se de antemão. Quando o ente do-interior-do-mundo é descoberto com o ser do Dasein, isto é, quando veio ao entendimento, dizemos que ele tem sentido (Heidegger, 2012, p. 431, *ST* §32).

O ser do utensílio não se define por propriedades intrínsecas isoladas, mas por sua serventia, isto é, pelo seu "para-quê" (*Wozu*). Um instrumento nunca aparece de forma isolada, mas sempre dentro de uma totalidade referencial de usos. Uma caneta, por exemplo, não é compreendida como simples objeto físico, mas em sua remissão ao papel, à escrita, à mesa, ao projeto em curso e, em última instância, ao em-vista-de (*Worumwillen*) do próprio

Dasein. Essa estrutura mostra que o mundo é uma rede articulada de remissões práticas, na qual o sentido de cada ente depende de sua inserção em um todo de significatividade:

> Essas 'coisas' nunca se mostram de imediato separadas umas das outras, vindo depois, numa como que solda de coisas reais, a preencher um quarto. De imediato, o-que-vem-de-encontro, embora não seja tematicamente apreendido, é o quarto, o qual de sua parte não é aquilo que se acha 'entre quatro paredes' em um sentido espacial geométrico – mas instrumento-de-morar (Heidegger, 2012, p. 211, *ST* §15).

Gibson (2015, p. 126), por sua vez, ao descrever o que o ambiente "oferece" ao organismo, parte da mesma intuição: os objetos não são primariamente definidos por qualidades abstratas, mas pelo que possibilitam fazer; "o que nós percebemos quando olhamos para objetos são suas *affordances,* não suas qualidades". Para Gibson (2015, p. 125), "um objeto alongado de tamanho moderado e peso moderado oferece ser manejado (*wielding*). Se usado para bater ou golpear, é um porrete ou martelo. [...] Uma haste rígida também oferece alavancagem e, nesse uso, é uma alavanca".

Nesse sentido, ele observa que a faca não é percebida como um pedaço de metal com determinado formato, mas como algo que "oferece cortar e raspar" (Gibson, 2015, p. 125). Essa descrição ecoa diretamente a estrutura do "para-quê" heideggeriana: o martelo é para bater, a faca é para cortar, a alavanca é para movimentar cargas. Tal concepção permite também compreender a relação entre essa estrutura de significatividade e a técnica.

Em *A questão da técnica*, Heidegger (2007) compreende a técnica moderna não como um mero conjunto de instrumentos, mas como um modo histórico de desvelamento (*Entbergen*) do ser, isto é, como uma estrutura ontológica que determina antecipadamente o modo de aparição do ente. O conceito central dessa análise é o de enquadramento (*Gestell*), que designa o modo de revelação próprio da modernidade técnica, no qual o real é interpelado como algo permanentemente disponível e explorável. Heidegger (2007, p. 384) caracteriza esse traço como uma "invocação desafiadora" que reúne o homem a requisitar o que se desvela como disponibilidade assegurada (*Bestand*).

Nesse horizonte, o ente deixa de aparecer em sua autonomia fenomenal e passa a ser compreendido exclusivamente segundo sua funcionalidade dentro de uma rede de extração, cálculo e controle. Heidegger (2007, p. 383) denomina essa modalidade de presença de reserva de recursos (*Bestand*), na qual os entes são reduzidos ao estatuto de estoque mobilizável. O desvelamento técnico implica, assim, uma transformação ontológica do modo

de ser do ente, que não mais se mostra como coisa (*Ding*) ou presença significativa em si mesma, mas como elemento disponível para otimização e uso.

Essa transformação pode ser ilustrada por exemplos paradigmáticos: o rio deixa de aparecer como fenômeno natural e passa a ser compreendido como potencial energético; a central hidroelétrica não se limita a se instalar no rio, mas o próprio rio é integrado ao sistema técnico de produção de energia (Heidegger, 2007, p. 382). De modo análogo, a floresta não se apresenta primariamente como ecossistema, mas como estoque de madeira a ser explorado, e o guarda florestal torna-se funcionalmente integrado à lógica da indústria madeireira (Heidegger, 2007, p. 384). Mesmo elementos atmosféricos, como o ar, são reinterpretados como reserva de recursos, por exemplo, como fonte de nitrogênio para processos industriais (Heidegger, 2007, p. 382).

O que está em jogo, portanto, não é apenas uma mudança no uso de ferramentas, mas uma transformação na estrutura de desvelamento do mundo. A técnica moderna é caracterizada por um modo de revelação que Heidegger descreve como um "desafiar" (*Herausfordern*), pelo qual a natureza é convocada a fornecer energia extraível, acumulável e calculável (Heidegger, 2007, p. 381). Nesse sentido, o mundo não é mais experienciado como um horizonte de significações múltiplas, mas como um sistema de recursos potencialmente ilimitados, organizado segundo a lógica da disponibilidade total.

Gibson, embora não desenvolva uma crítica ontológica da técnica moderna nos mesmos termos, oferece pistas importantes sobre como a instrumentalidade pode ser pensada a partir de sua psicologia ecológica. Ele descreve, por exemplo, como a fronteira entre o corpo e a ferramenta é móvel: "Quando em uso, uma ferramenta é uma espécie de extensão da mão, quase um anexo a ela ou uma parte do próprio corpo do usuário, e, portanto, não é mais uma parte do ambiente do usuário" (Gibson, 2015, p. 35, tradução nossa).

Assim, para o autor a ferramenta em uso deixa de ser um objeto externo e passa a integrar o esquema corporal do agente: "Essa capacidade de anexar algo ao corpo sugere que a fronteira entre o animal e o ambiente não é fixada na superfície da pele, mas pode se mover" (Gibson, 2015, p. 35). Essa interpretação amplia a estrutura já presente na análise do utensílio. Mesmo antes da técnica moderna, Heidegger (2012, p. 303, *ST* §22) já havia mostrado que o mundo cotidiano se apresenta como uma totalidade de apresentações práticas, incluindo os entes naturais: "Assim, o sol, cuja luz e cujo calor se empregam cotidianamente pela variável possibilidade de aplicação do que fornece, tem seus privilegiados lugares-próprios descobertos no ver-ao-redor: nascente, meio-dia, poente, meia-noite".

Gibson (2015, p. 123, tradução nossa) descreve essa mesma estrutura quando afirma que "identificar a substância em tais casos é perceber o que pode ser feito com ela, para que ela serve, sua utilidade". Contudo, na modernidade técnica, essa estrutura de uso não permanece neutra: ela se intensifica e se universaliza sob a forma de um mundo inteiramente compreendido como disponibilidade. O que muda não é apenas o tipo de utensílio, mas o modo de revelação do ser.

Nesse contexto, tudo o que surge no campo da experiência já aparece sob a estrutura hermenêutica do "algo como algo", isto é, como algo imediatamente compreendido em termos de sua função dentro de práticas. Essa compreensão é pré-predicativa: antes de qualquer formulação científica ou conceitual, o *Dasein* já se encontra envolvido em um mundo estruturado por usos. Não percebemos primeiro um objeto neutro para depois interpretá-lo como "porta" ou "copo"; nós já o encontramos como algo-para-abrir ou algo-para-beber:

> A articulação do entendido no interpretante ficar-perto do ente pelo fio-condutor de 'algo como algo' é prévia a toda enunciação temática a respeito do ente ele mesmo. O 'como' não surge pela primeira vez na enunciação, sendo então apenas expresso, o que é unicamente possível por precedê-la como o que-pode-ser-expresso [expressável] (Heidegger, 2012, p. 425, *ST* §32).

Gibson (2015, p. 132) corrobora essa ideia ao afirmar que "a percepção de uma *affordance* não é um processo de perceber um objeto físico livre de valor ao qual o significado é de alguma forma adicionado [...] é um processo de perceber um objeto ecológico rico em valor". O objeto já aparece sempre como um convite à ação. Gibson também estende sua análise para artefatos mais complexos, como os instrumentos ópticos. Ao discutir telescópios e microscópios: "O que pode ser feito é ampliar o ângulo sólido visual da lua ou da gota d'água. Pode-se converter uma minúscula amostra da variedade óptica ambiente em um ponto de observação em uma amostra ampliada por meio de um telescópio ou microscópio" (Gibson, 2015, p. 247).

Contudo, Heidegger vai além de abordagens como a de Gibson ao enfatizar que o risco essencial da técnica moderna não reside em seus efeitos empíricos ou destrutivos, mas no fato de ela tender a monopolizar o modo de desvelamento do ser. Quando isso ocorre, outras formas de revelação do mundo são progressivamente obscurecidas ou tornadas secundárias: "o desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio" (Heidegger, 2007, p. 382).

Esse "desafiar" (*Herausfordern*) deve ser distinguido do modo de desvelamento próprio da *ποίησις* (*poíesis*), entendida como um "trazer-à-presença" (*Her-vor-bringen*) no qual o ente emerge a partir de si mesmo, em seu próprio modo de ser. Enquanto a *poíesis* deixa o ente vir à presença sem violentá-lo em sua estrutura, a técnica moderna exige que a natureza se apresente exclusivamente como recurso disponível para uso e otimização.

Nesse contexto, "onde este desabrigar impera, toda possibilidade diferente de desabrigar é afastada; sobretudo, a armação oculta aquele desabrigar que no sentido da *ποίησις* deixa surgir-à-frente no aparecer aquilo que se apresenta" (Heidegger, 2007, p. 388). O ponto decisivo aqui é que o problema não é apenas a predominância de um modo de revelação, mas o seu efeito de exclusão: outras formas de desvelamento, como a experiência estética, a relação contemplativa com a natureza ou o encontro não instrumental com os entes, tornam-se progressivamente encobertas.

Esse encobrimento não se limita a modos alternativos de relação com objetos, mas atinge o próprio estatuto da verdade. Como afirma Heidegger (2007, p. 388, tradução nossa), "a armação desafiadora encobre não somente um modo de desabrigar anterior, o produzir, mas encobre o desabrigar enquanto tal e, com ele, aquilo por onde acontece o descobrimento, isto é, a verdade". Assim, o perigo da técnica moderna não é simplesmente epistemológico ou funcional, mas ontológico: ele consiste na redução do ser ao regime único da disponibilidade.

Apesar de Gibson não desenvolver essa crítica ontológica, ele oferece uma base empírica e psicológica para pensar como a instrumentalidade opera no nível da percepção direta. Ele descreve, por exemplo, como o uso de ferramentas é governado por regras perceptivas específicas: "A regra para o alicate é análoga àquela para a preensão, sendo a ferramenta metaforicamente uma extensão da mão" (Gibson, 2015, p. 224, tradução nossa).

Ainda assim, essa análise reforça a ideia central de que o mundo humano é originariamente um campo de significatividade prática, no qual os entes aparecem sempre já integrados a uma rede de remissões e possibilidades de uso. Tanto Heidegger quanto Gibson convergem na rejeição de um dualismo cartesiano que separa sujeito e objeto, mente e mundo. Ambos afirmam que a relação fundamental com o ambiente não é teórica ou representacional, mas pragmática e incorporada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho defendeu que o conceito de campo de *affordances* pode ser compreendido como uma expressão ôntica concreta da estrutura ontológica da mundidade (*Weltlichkeit*) em Heidegger. Em *Ser e tempo* (Heidegger, 2012), a mundidade designa a totalidade estruturada de significatividade na qual os entes intramundanos aparecem sempre inseridos em redes de remissão prática, de modo que sua inteligibilidade não deriva de propriedades isoladas, mas de sua inserção em um contexto de sentido previamente articulado.

Nesse horizonte, argumentou-se que o campo de *affordances*, tal como desenvolvido na tradição ecológica da percepção, descreve em nível ôntico a mesma estrutura relacional que Heidegger tematiza ontologicamente. As *affordances* não são propriedades objetivas do ambiente nem projeções subjetivas, mas possibilidades de ação que emergem da relação estruturada entre agente e mundo. Essa configuração corresponde, em termos fenomenológicos, ao que Heidegger concebe como a articulação remissiva do *para-quê* (*Um-zu*) e da conjuntação (*Bewandtnis*), constitutiva do mundo como totalidade significativa.

A tese central pode ser, assim, sintetizada da seguinte forma: o campo de *affordances* constitui uma figura descritiva ôntica da mundidade, uma vez que torna explícita, no plano da experiência perceptivo-prática, a estrutura prévia de abertura de sentido que caracteriza o ser-no-mundo. Ele não substitui o conceito heideggeriano de mundo, nem o traduz integralmente, mas o exemplifica em sua manifestação concreta na dinâmica da percepção situada.

A partir dessa base, e em diálogo com a análise heideggeriana da técnica em *A questão da técnica*, argumentou-se que o campo de *affordances* pode ser compreendido como uma figura descritiva ôntica dessa estrutura, pois explicita como possibilidades de ação são organizadas na experiência situada. No contexto do *Gestell*, no qual o ente é revelado como disponibilidade (*Bestand*), o mundo tende a se configurar como um campo de recursos e operações possíveis, no qual a relação prática com os entes é previamente estruturada por formas de uso, cálculo e exploração.

É importante esclarecer, contudo, que J. J. Gibson não desenvolve uma crítica da técnica nem uma análise histórico-ontológica da modernidade. Sua teoria das *affordances* pertence à psicologia ecológica da percepção e tem caráter estritamente descritivo: trata-se da investigação das possibilidades de ação diretamente percebidas em função da relação organismo–ambiente. Nesse sentido, não há em Gibson uma tematização do enquadramento

técnico do mundo, mas sim uma descrição das invariantes perceptivas que estruturam a ação situada.

Ainda assim, sua proposta fornece um aparato conceitual que pode ser reinterpretado filosoficamente em chave heideggeriana. A tese aqui defendida é que o campo de *affordances,* embora originalmente não tenha implicações críticas ou ontológicas sobre a técnica, pode ser mobilizado como expressão ôntica da mundidade uma vez que descreve a organização concreta das possibilidades de ação em um mundo já previamente estruturado por redes de sentido.

Dessa forma, a análise permite distinguir três níveis sem reduzi-los: (i) a mundidade como estrutura ontológica do ser-no-mundo, (ii) o *Gestell* como configuração histórica dessa abertura na técnica moderna, e (iii) o campo de *affordances* como sua expressão ôntica no nível da experiência perceptivo-prática. O resultado é uma articulação na qual a técnica não é entendida como mero conjunto de instrumentos, mas como modulação do modo de aparecimento do mundo, cuja fenomenalidade pode ser descrita, em nível ôntico, como um campo estruturado de possibilidades de ação.

Em relação às limitações deste artigo, a articulação entre Heidegger e Gibson exige cautela hermenêutica contínua, uma vez que qualquer deslocamento indevido entre os níveis ontológico e ôntico pode reintroduzir reducionismos já superados pela distinção proposta, sobretudo a confusão entre a estrutura de mundidade e suas manifestações perceptivo-práticas no campo de *affordances.* Pesquisas futuras poderiam aprofundar a relação entre campo de *affordances* e formas historicamente determinadas de racionalidade técnica, investigando como diferentes configurações do *Gestell* modulam a saliência e a distribuição das possibilidades de ação no mundo vivido. Nesse sentido, seria particularmente relevante analisar de que modo variações históricas e sociotécnicas afetam a organização ôntica do campo de experiência sem alterar a estrutura ontológica da mundidade, permitindo assim uma descrição mais fina das mediações entre técnica, percepção e abertura de mundo.

REFERÊNCIAS

DECLERCK, Gunnar. Heidegger’s equipment vs. Gibson’s affordances. Why they differ and how they articulate. **Studia UBB. Philosophia**, Cluj**,** v. 66, n. 2 Supplement, p. 33-54, 2021. DOI: 10.24193/subbphil.2021.2s.03.

GIBSON, James J. **The ecological approach to visual perception**. Classic ed. New York: Psychology Press, 2015.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** . Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. (Coleção Multilíngues de Filosofia Unicamp, Série A: Heideggeriana).

SYLLA, Bernhard. Leituras ambientalistas da obra de Heidegger: uma análise crítica. *In*: MEIRINHOS, José; RODRIGUES, Vera; GUERREIRO, Vítor (ed.). **A filosofia em discussão** - Volume 3. Covilhã: Universidade da Beira Interior/LusoSofia Press, 2022. p. 201-223.